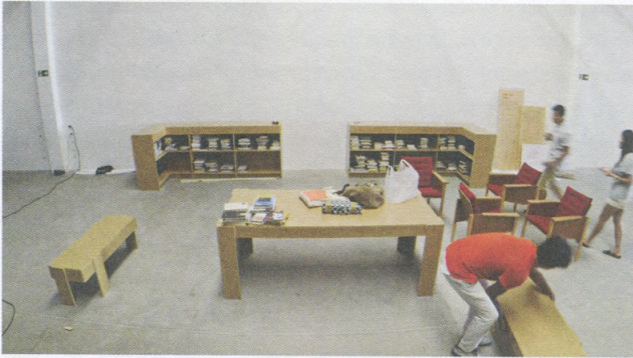


ting-ting cheng





Ting-Ting Cheng | Taipei, Taiwan, 1985

Lives in London

The holder of master's degrees in the visual arts from the University of London and photography from the University of Westminster, Cheng deals with the connections between individual identity and culture in her work. She has exhibited solo at the Taipei Fine Arts Museum (2011) and the Rowan Arts (2012).

THE ATLAS OF PLACES DO NOT EXIST, 2015 | Installation

The piece is a library open to the public, containing some five hundred titles, in Portuguese and English, about places that do not exist at any level—political, social, philosophical, or geographic. Opposing the notions of existence and visibility, the artist questions what makes certain places exist while others remain nonexistent, even though they are also real. Development of a research into the connections between text, image, and language in the configuration of the notions of identity, belonging, and culture, the piece is a subjective mapping of places that underscores how different types of knowledge and language can be used as a political tool.

AN ATLAS WITHIN AN ATLAS | INTERVIEW BY JOÃO LAIA

Among other issues, your practice has been exploring the relationship between language and identity. *The Atlas of Places Do Not Exist* works around these ideas through the lens of literature and writing. Could you elaborate on how this idea developed?

Ting-Ting Cheng | I am interested in communication, symbols, interpretation, coding, decoding, and their hidden connotations. Language for me is not only a means to communicate with others, but also the badge of our identity. That is the reason why several of my works are either text-based or include text or verbal language. And I wouldn't see *The Atlas of Places Do Not Exist* out of this context. The project started as my experience of being detained at Gatwick Airport for one night. In the detention

room, there was a bookshelf filled with books. There was not a consistent theme in the selection. There were romance novels, crime, science fiction, and of course the Bible and the Koran. After I was released (luckily), I wanted to reconstruct that bookshelf. I contacted every airport in UK, asking if I could visit the detention room to get the booklist and, of course, I was rejected. However, the experience made me think about the physical space and location of the detention rooms. I was on the physical territory of Great Britain but at the same time, in a symbolical way, I was not. I hadn't yet entered the country. I was somehow in an in-between place. So where was I? And as an immigrant myself, migration is another constant theme in my work. I am fascinated by the in-between status. Does this gray area 'exist'? 'Existence' became the

Ting-Ting Cheng | Taipei, Taiwan, 1985

Vive em Londres

Mestre em artes visuais pela Universidade de Londres e em fotografia pela Universidade de Westminster, Cheng aborda, em sua obra, as conexões entre identidade individual e cultura. Realizou individuais no Taipei Fine Arts Museum (2011) e no Rowan Arts (2012).

THE ATLAS OF PLACES DO NOT EXIST, 2015 | Instalação

A obra é uma biblioteca aberta ao público, com cerca de quinhentos títulos, em português e inglês, sobre lugares que não existem em nenhum plano – político, social, filosófico ou geográfico. Opondo os conceitos de existência e visibilidade, a artista questiona o que faz com que certos lugares existam, e outros permaneçam inexistentes, apesar de também reais. Desdobramento de uma pesquisa sobre as relações entre texto, imagem e língua na configuração das noções de identidade, pertencimento e cultura, a obra é um mapeamento subjetivo de lugares, que sublinha a forma como os saberes e a linguagem podem ser usados como instrumento político.

UM ATLAS DENTRO DE UM ATLAS | ENTREVISTA A JOÃO LAIA

Entre outras questões, sua prática artística explora a relação entre língua e identidade. *The Atlas of Places Do Not Exist* [O atlas dos lugares que não existem] trabalha com essa ideia pela lente da literatura e da escrita. Como se desenvolveu essa ideia?

Ting-Ting Cheng | Eu me interessei por comunicação, símbolos, interpretação, codificar e decodificar, conotações ocultas. A língua, para mim, não é só uma forma de se comunicar com o outro; é também um emblema de nossa identidade. Por isso diversos trabalhos meus se baseiam em texto, ou incluem texto ou linguagem verbal. Não vejo o *Atlas* fora desse contexto. O projeto começou na experiência de ficar detida uma noite inteira no aeroporto de Gatwick. Na sala de detenção, havia uma estante cheia de livros. Não

havia um tema único, coerente, na seleção. Eram romances, novelas policiais, ficção científica e, claro, a Bíblia e o Alcorão. Quando me liberaram (por sorte), tive a ideia de reconstruir aquela estante. Entrei em contato com todos os aeroportos do Reino Unido, perguntando se podia visitar as salas de detenção para obter uma lista de livros. Evidentemente, recusaram meu pedido. De todo modo, essa experiência me fez pensar no espaço físico e na localização dessas salas de detenção. Fisicamente, eu estava em território da Grã-Bretanha, mas, ao mesmo tempo, simbolicamente, não estava. Ainda não havia entrado no país. De alguma forma, estava entre lugares. Afinal onde eu estava? Além disso, como imigrante, o tema da migração é outra constante em meu trabalho. Sou fascinada por essa condição entre lugares. Será que existe mesmo essa

key word. What is visible or invisible, reachable or unreachable? So I've decided to build this library, as a physically existing space filled with concepts of nonexistence. I am hoping to explore and discuss the definition of existence with the audiences through the books I chose.

How did this commission influence the development of the project and how did you go around in selecting the books?

The original concept of the project is to build a real library containing books about places that do not exist. By real library I meant hundreds of books, a proper cataloguing system for audiences to browse through the books, a comfortable, quiet sitting area where they can read. I experimented with it for the first time at a curatorial residency in London, invited by curator Oona Doyle. The exhibition was held at the residency itself, the domestic space where the curators lived at the time. It was a very unusual space for an art exhibition, being more of an everyday environment, which was/is perfect for my project. I intended to construct this library as if it would be there all the time, inviting audiences to interact with it comfortably. I used the bookshelf, which on this occasion was next to the kitchen, and the kitchen table and chairs were used/reframed as the reading area. With the help of Goldsmiths College, I managed to borrow two hundred books from their library for the exhibition.

Despite the fascinating context of this first experience, the Videobrasil commission is the first time I have the chance to properly realize the project in its ideal scale. The library contains 250 English books and 250 Portuguese books, covering all areas related to places that do not exist, such as politics, philosophy, religion, sociology, fiction, health, environment, etc., and

with the catalogue, which not only plays its functional role for audiences to navigate the library, but also opens up a discussion about the essence of places and existence. For the first time I included books in languages other than English, so the work can be closer to local audiences. And trying to understand Portuguese, a language I cannot understand, somehow became part of the concept, which can be traced back to my other projects where I was trying to learn a language I cannot understand in order to fit in a new society.

Videobrasil has been inquiring the idea of the so-called global South, which is an imaginary geopolitical location, embedded in a number of complex symbols and histories. How do you think the interest in this symbolical location might contextualize your project?

I found the concept of global South fascinating. And yes, it's very related to *The Atlas of Places Do Not Exist*, as the global South is a place that does not physically exist. It's a concept of South. It's relative. Using Taiwan as an example, I had to confirm with the organization to make sure whether I am from the global South or not. Is it defined politically, economically, or historically? It's a power relation between nations. I am very happy to have the chance to present the project in this context. It's like an atlas within a bigger atlas. The questions of geopolitics, economic, and art history weave the atlas I mapped together with the wider context of the Festival. I imagine the factor of unbalanced power relations in my project would emerge further here. I hope the atlas I am presenting can be a good footnote for the Festival, focusing on the relativity of geographical locations such as South or North.

zona cinzenta? “Existência” passou a ser a palavra-chave. O que é visível/invisível, alcançável/inalcançável? Então resolvi construir essa biblioteca como um espaço fisicamente existente, cheio de conceitos de não existência. Espero explorar e discutir a definição de existência com o público a partir dos livros que escolhi.

Como o comissionamento influenciou o desenvolvimento do projeto e como escolheu os livros?

O conceito original do projeto é construir uma biblioteca de verdade, contendo livros sobre lugares que não existem. Uma biblioteca de verdade, quero dizer, com centenas de livros, um sistema de catalogação adequado para o público pesquisar os livros, e com um lugar confortável e tranquilo para sentar e ler. Minha primeira experiência com esse conceito foi durante uma residência curatorial em Londres, a convite da curadora Oona Doyle. A exposição aconteceu na própria residência, no espaço doméstico onde os curadores estavam morando. Era um lugar incomum para uma exposição, um ambiente cotidiano; e isso foi, e ainda é, perfeito para o projeto. Minha intenção era construir essa biblioteca como se ela fosse estar sempre ali, convidando o público a interagir confortavelmente com ela. Usei a estante, que ficava ao lado da cozinha, e a mesa e as cadeiras da cozinha, reposicionadas, como área de leitura. Com apoio do Goldsmiths College, consegui duzentos livros emprestados da biblioteca deles para a exposição.

Apesar do contexto fascinante dessa primeira experiência, o comissionamento do Videobrasil é a primeira oportunidade de realizar o projeto adequadamente e na escala ideal. A biblioteca reúne 250 livros em inglês e 250 em português, de todas as áreas relacionáveis a lugares que não existem: política, filosofia, religião,

sociologia, ficção, saúde, meio ambiente etc., e um catálogo que não só cumpre o papel funcional de ajudar o público a usar a biblioteca, mas também abre uma discussão sobre a existência dos lugares e da existência. É a primeira vez que incluo livros em outras línguas além do inglês, para aproximar o trabalho do público local. E tentar entender uma língua que não conheço, como o português, de alguma forma se tornou parte do conceito, que já vinha de outros projetos meus em que tentei aprender uma língua que não entendia para me encaixar em uma nova sociedade.

O Videobrasil vem cada vez mais discutindo a ideia do chamado Sul global, que é um lugar geopolítico imaginário, que envolve uma série de símbolos e histórias complexas. De que maneira o interesse por esse lugar simbólico pode ajudar a contextualizar seu trabalho?

Achei fascinante o conceito de Sul global. E, sim, isso tem muita relação com meu trabalho. O Sul global é um lugar que não existe fisicamente. É um conceito de Sul. É relativo. Sendo de Taiwan, precisei confirmar com a organização se pertencço ao Sul global ou não. O Sul global define-se política, econômica ou historicamente? É uma relação de poder entre países. Estou muito feliz pela oportunidade de apresentar o projeto nesse contexto. É como um atlas dentro de um atlas maior. Questões geopolíticas, econômicas e da história da arte entrelaçam o mapa que fiz ao contexto mais amplo do Festival. Imagino que a questão do desequilíbrio nas relações de poder apareça ainda mais aqui. E espero que o atlas que estou apresentando possa ser uma boa nota de rodapé ao Festival, na medida em que trata da relatividade de noções geográficas como Sul e Norte.